



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



BOAS FESTAS

LEITORES, que este Natal,
de mil nove e trinta e três,
traga a todos os bebés
alegria excepcional!...

Que Jesus e o Pai-Natal
não se esqueçam de nenhum,
a todos dando presentes;
pondo em vossos sapatinhos
um brinquedo, ao menos um!

São os votos mais ardentes
dos vossos três amiguinhos,
do «Pim», da «Pam» e do «Pum».

A IDÉA DOS PARDAIS

CONTO DO NATAL

Por VIRGINA LOPES DE MENDONÇA

O velho pardal, chefe do bando da pardalada que vivia em cima do telhado da ermida e nas árvores do adro, com a cabeça enterrada nas penas do peito e o olho preto muito aberto, pôs-se de atalaia.

A sua experiência da vida, dizia-lhe que aquela noite não era igual às outras.

Num tilintar de notas alegres, os sinos da ermida haviam badalado.

O António, sacristão, andara numa azáfama, varrendo, espanejando e acarretando flores para os altares.

Isso tudo ele observara, nessa tardinha, enquanto os pardalicos, levianos, e fúteis, numa chilreada ensurdecadora, conversavam, trocando impressões sobre as peripécias do dia. Depois, armaram-se vários conflitos e até ele tivera de meter na ordem os netos e bisnetos, castigando-os à bicada, porque os irreverentes queriam ocupar os lugares mais cómodos, sem respeito pelos velhotes que, de penas arrepiadas, tremiam de frio.

Chegado o inverno, era sempre a mesma história!

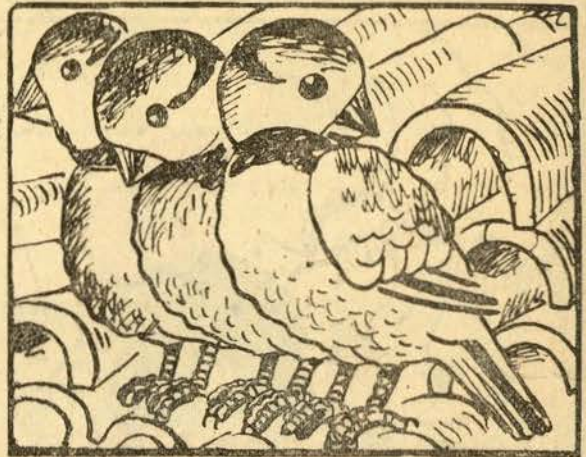
Por fim, lá se aconchegaram todos, bem juntinhos, à procura do calor que lhes faltava.

Quando os companheiros sossegaram, os sinos mais uma vez repicaram alegremente, e parece que, lá no céu, as estrelinhas luminosas, ao ouvi-los, brilharam mais cintilantes e lindas!

O pardal velho estava pasmado!...
Agora, avis-

tava, pela estrada adiante, ranchos de gente que vinham da aldeia e se encaminhavam para a ermudinha.

Cousa estranha sucedia, decerto!



Já tarde, sentiu um movimento desusado na igreja.

Não se conteve e tratou de chamar os outros pardais, não fossem eles perder espectáculo tão inesperado!

Tirou o bico debaixo da asa, e pipiou, triunfante: — Natal! Natal!

Era esta a palavra que os sinos diziam na sua voz de bronze e que ele repetira!

Então, todos os pardais acordaram, sobressaltados.

Saíram dos ninhos, debaixo das telhas desmanteladas, dos ramos farfalhados das árvores e, todos, em fila, encostados uns aos outros, entreabriram os biquinhos de admiração, ao ouvir uma música divina que vinha até eles.

Um doce calor os acalentou!...

Os mais novinhos chilreavam encantados. Um, muito atrevido, foi espreitar por um buraquinho do telhado.



CARTA DO BÉBÉ

Por FRANCISCO VENTURA
Ao Menino GARLOS DE LEMOS

MAIZINHA do coração
Escrevo-te, muito triste,
Para pedir-te perdão...
Pois eu, ontem, lá na aula,
Não soube a minha lição.

Não foi por não estudar,
Não foi, não foi, mamãzinha;
Que eu estudei, podes crer!
Tanto que até fez doer
Minha pobre cabecinha,
Como foi, não sei dizer!

Quando o senhor professor
Me chamou para a lição,
Não tive nenhum terrôr.
Podes crer, não tive, não;
Pois tinha, quási, a certeza
Que não me apanhava em vão.

Mas êle perguntou coisas
Que o menino não sabia...
E vai, eu, fiquei calado,

E tudo na aula ria.
Fiquei tão envergonhado!



Senti não sei quê no peito
E vontade de chorar;
De bater o meu pézinho
E de me pôr a gritar!
Por certo, par'cia mal,

E Jesus não me daria
Bonitos pelo Natal.

Não chorei; fiquei calado
Mas, ai, tão envergonhado!
Não sei como aquilo foi,
Porque o menino estudou...
Olha, mamã, o Bébé
No seu livrinho pegou,
E leu muito, muito, muito,
muito e nunca se enfadou.

Até houve uma mosquinha
Que, no meu livro, ao pousar
Se pôs a andar,
Ligeirinha,
Como querendo brincar.

— Olha que era engraçadinho!—
Eu puz-me a ver se a apanhava,
Mas ela tanto voava,
Tantas voltas, tantas, dava

(Continua na pág. 6)

Atónito, veio contar a grande festa que havia,
lá em baixo.

A igreja cheia de gente, os altares com muitas
luzinhas e flores; no côro tocavam música, e um
lindo Menino, deitado num berço de palhinhas,
sorria para um boi, uma vaquinha e uns pastores
que o rodeavam.

Era lindo, lindo, o Menino! — pipiava, alvoro-
çado, o pardalico.

Então, cheios de curiosidade, todos os outros
quizeram assistir à grande festa!

Numa algazarra, os pequeninos, ainda sonolen-
tos, teimaram:

— «Minha, mãi deixe-nos ir lá abaixo. E' só
espreitar um bocadinho. Queremos ver o Menino!
Queremos ver o Menino!»

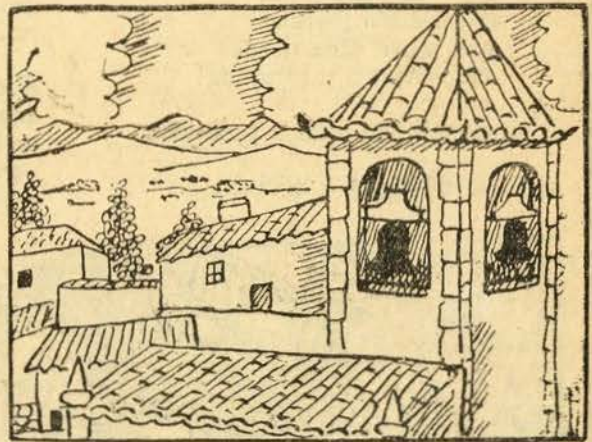
Os pardais, pais de família, reuniram-se em
conselho, para combinar como isso havia de
ser.

Foi o pardal-chefe, mais decidido, que tratou
de organizar um cortejo de pardalada, para entrar
na ermudinha.

Ele ia à frente, entoando uma melodia de tri-
los alegres que dizia: — «Glória! Glória!...» E
assim entraram por ali dentro.

Os pardalicos, mais novinhos, esvoaçavam meio
tontos, encadeados pelas luzes, mas, depois, mais
afoitos, vieram cair sôbre o corpinho côr de rosa
do Menino.

Os outros, num bater lento de ásas, assim sus-
pensos no ar, fizeram uma abóbada de penas que
O cobria.



Acompanhando o repicar dos sinos, que agora
badalavam com toda a fôrça, todos os pardais,
uniram as suas vozes e, num côro de chilreios
festivos, saüdaram o nascimento do Menino Deus,
ante o pasmo da gente da aldeia que olhava, em-
basbacada, o caso maravilhoso!

Seria, daí, que os pardais vivem uma vida mais
fácil que as outras aves, pois não mourejam pelo
pão de cada dia?

A esta pergunta só poderá responder o Me-
nino Jesus.

O Natal dos Pinheirinhos

Por Laura Chaves

ERA uma vez um pinheiro, muito forte e altaneiro, todo cheinho de pinhas, onde, à tarde, as andorinhas, quando seguiam viagem faziam longa paragem. Uma delas, certo dia, — dia de sol, de alegria, — pôs-se a falar ao pinheiro: — Salve-o Deus, meu hospedeiro! Vou contar-lhe a novidade que hoje vi lá na cidade, numa loja de bonitos, Uns pinheiros pequenitos com a rama carregada de tamanha bonecada e tantas luzes, tão belas, brilhando como as estrélas!

Ouvi dizer a um pardal que os pinheiros no Natal (mas só na casa dos ricos) têm cobertos os picos de doces, bonecos, flôres, luzinhas de várias côres que são, na noite sagrada, o encanto da pequenada. Mas o que mais me agradou, o que mais me deslumbrou, foi como tudo luzia! Até mesmo parecia que sôbre cada ramada despontava a madrugada!

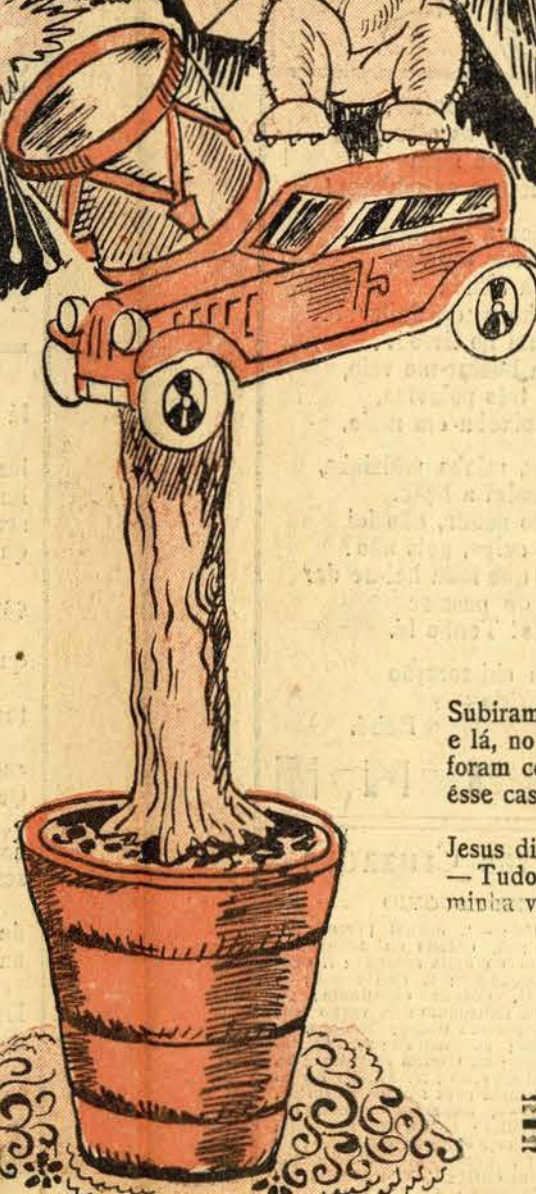
E mais não disse a andorinha.

Caía, branda, a noitinha...

O sol fôra-se deitar... Já a lua a despontar, se mirava, além, no rio, quando um sussurro se ouviu, mais que um sussurro, uns berreiros!

E' que os meninos pinheiros, aqueles que ainda estão muito pertinho do chão, num chorar desabalado, pediam em alto brado:

— O avôzinho Pinhal, hoje é noite de Natal e ficou-nos de memória essa tão bonita história que a andorinha vos contou. Nós pedimos, meu avô, uma linda árvore assim!



Avô, não seja ruím! Tenha dó dos seus meninos que, também, são pequeninos!

E nunca mais se calaram, tôda a noite rabujaram... O vento que tal ouviu, foi combinar com o frio, o que haviam de fazer para bem satisfazer o seu desejo tão lindo!

Subiram ao céu infindo, e lá, no reino da luz, foram contar a Jesus esse caso comovente.

Jesus disse docemente: — Tudo o que o meu nascimento, minha vida e meu fermento,

trouxe aos homens, de bem-estar, todo o mundo há-de gozar. Os pinheirinhos da serra, também hão-de ter, na terra, o seu dia de Natal. Voltai, pois, para o pinhal...

Foi uma noite de frio! Que de geada caiu!... Mas, quando chegou a hora da escuridão se ir embora e raiou no arrebol, lá ao longe, a luz do sol, viu-se, então, o tal pinheiro, que era forte e altaneiro, cobertinho de geada, onde a luz da madrugada acendia, em mil fulgores, estrélas de muitas côres!

E foi um deslumbramento! Ouviu-se, nêsse momento, elevar-se para os céus, cantando a glória de Deus, tôda a voz da Natureza! E outra voz, tôda fraqueza mas sincera, agradecida, a murmurar comovida... Era a voz dos pinheirinhos, os humildes pobresinhos, rezando no pinheiral: — Milagre! Natal! Natal!

≡ FIM ≡



CARTA DO BÉBÉ

(Continuação do pagina 3)

Que, por fim, já cansadinho,
Tive que a deixar voar
Sem eu mais a incomodar.

Peguei, de novo, no livro
Mas—(lembrei-me)—os meus solda-
dados

Tinham ficado espalhados...

Pois, nesse dia, eu andara
Com eles a batalhar,

Sem parar,
E ai os deixara

Espalhados pelo chão,
Corri, então, a arrumá-los

Mas eles eram tão belos
Que eu, ao vê-los,

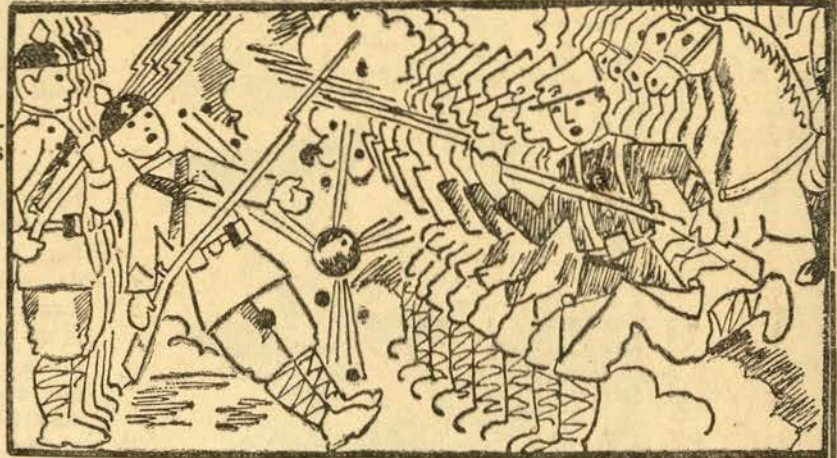
Já não pude mais parar,
Pu-los, logo, a batalhar.

Correram uns para os outros,
E soaram, sem demoras,
Os tiros das espingardas,
Canhões e metralhadoras.

Houve gritos,
Ais aflitos,

Numa enorme confusão,
Destruiu-se uma cidade
Com granadas de avião.

Foi uma enorme batalha
A qual fez mortos a rodos.



Houve narizes rachados,
Pernas e braços quebrados;
Mas por fim
Guardei os soldados todos,
Metendo-os dentro da caixa,
E indo estudar a lição.

Nisto, aparece o Toneca
Com bolinhas de sabão,
E eu fui para junto dele;
Pois gosto muito de ver
Os balões a encher, a encher...

Fizemos balões bonitos,
De todas, todas as côres,
O Toneca é que fazia
Os mais lindos e os maiores!

Nisto, chegou a noitinha...
Quando quiz ir estudar,
Ouvi dizer à criada
Que eram horas de deitar...
Ainda peguei no livro!...
Quando ela buscar-me veio,
Tinha lido três palavras,
A quarta deixei-a em meio.

Já vês, pois, minha mãizinha,
Que eu estudei a lição.
Se eu a não soube, não foi
Por minha culpa, pois não?
Mas deixa, que inda hei-de dar
Uma lição de pascar
Verás, verás! Tenho fé.

Recebe um chi-coração
Do teu querido

Bébé.

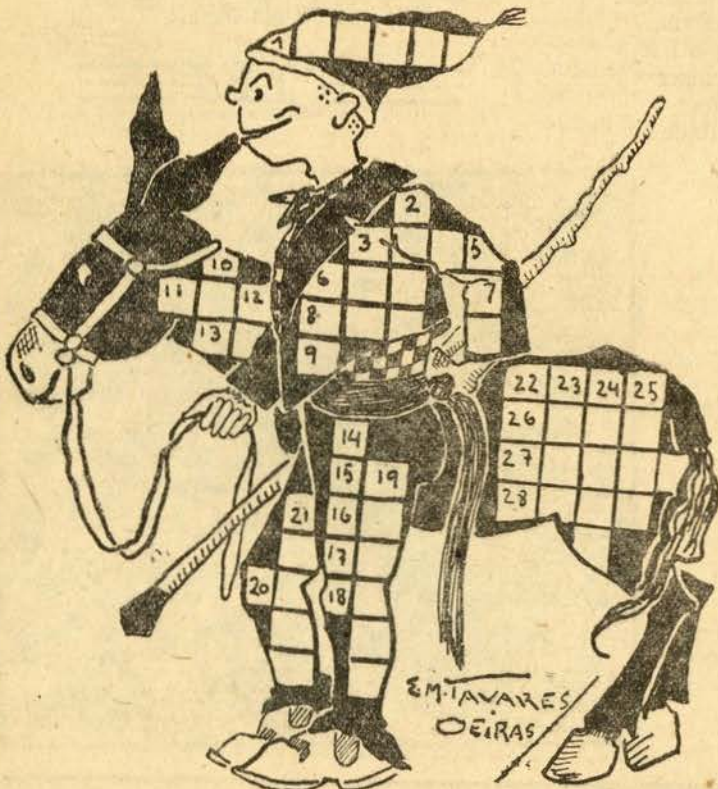


Palavras Cruzadas

O ZE PACÓVIO

HORISONTAIS: — 1. Jornal português; 2. Consoante; 3. Cidade da Arábia; 6. Grande porção de água salgada; 7. Consoante; 8. Educador; 9. Consoante; 10. Consoante; 11. Cidade espanhola; 13. atmosfera; 16. Consoante; 15. verbo ser; 18. Letas da palavra (rato); 17. Parte do corpo humano; 18. Suspiro; 20. Rio Italiano; 21. Vogal; 22. Capital europeia; 26. Terra portuguesa (vila); 27. Antigo rei da Pérsia; 28. Licença para sair do hospital.

VERTICAIS: — 2. Imperador romano; 3. Pessoa de família; 5. Moeda de Macau; 6. Aquilo que prejudica; 10. Caminho; 11. Consoante; 12. Pôr-se em movimento dum lugar para outro; 14. Vila alentejana; 19. Nome d'homem; 21. Cidade portuguesa (Alentejo); 22. Peça de forma circular; 23. Com a forma d'ovo; 24. Planeta; 25. Cantiga.



CHARADAS EM FRASE

PARA OS MENINOS COLORIREM

Aqui está a filha do meu filho com um instrumento de escrita. 1-2.

A acusada em seu cenário figura neste magazine. 1-2.

Este apelido dito em plena manhã tem suavidade musical. 2-2.

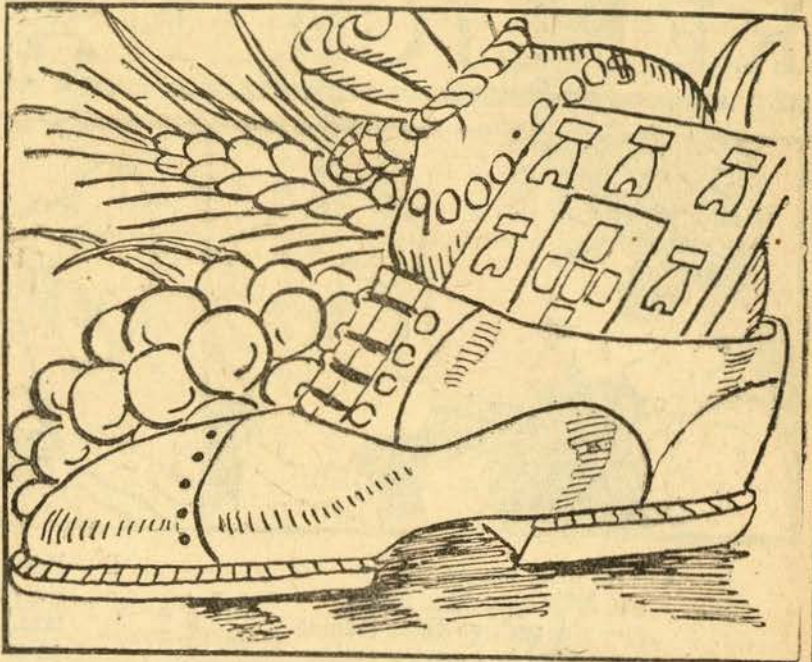
Esta vogal em luta com esta nota de musica faz-me reconhecido. 1-2-1.

A fisionomia deste homem é bastante doce. 2-2.

O colorido desta banheira é igual ao desta bambinela. 1-2.

Solução das anteriores: I—Sapo. II—Ramaria. III—Maganão. IV—Solar. V—Artefaria.

Solução das adivinhas anteriores: Lama-alma. Raul-luar. Aroma-amora.



ADIVINHA



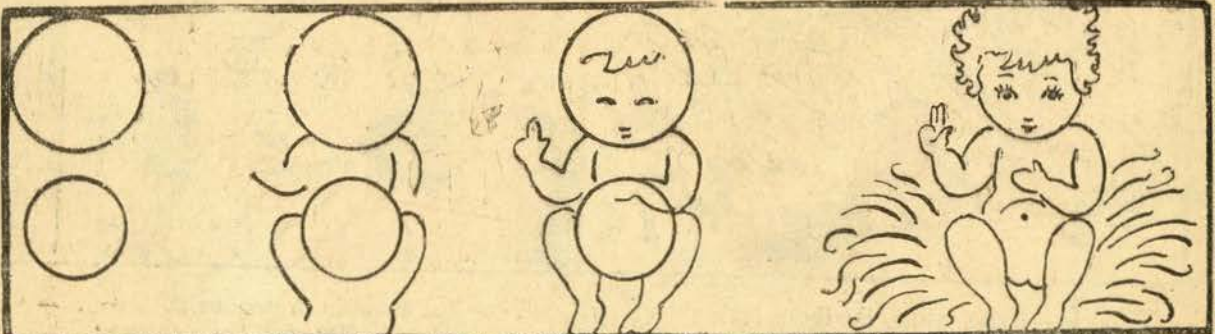
Meus meninos:—O menino que estão vendo, tem 2 companheiros com quem joga o «Foot-ball». Vejam se os descobrem.

CHARADAS COMBINADAS

- | | | |
|------------------------|-------------------------|--------------------------|
| + sa — Moradia | + la — Gôma | + te — Ponto cardeal |
| + xa — Legado | + da — Costume | + que — depósito de água |
| + ra — Animal roedor | + do — Pedra de jôgo | + la — tecido |
| Conceito: — Móvel | Conceito: — Móvel | Conceito: — Móvel |
| + lo — Estampilha | + no — Espaço de tempo | + ma — Espingarda |
| + do — Oração | + to — Ave doméstica | + la — Baú |
| + co — Páu de bilhar | + to — Animal doméstico | + ia — Nome |
| + o — corrente de agua | + so — Costas | + co — Vazio |
| + la — fila | Conceito: — Móvel | Conceito: — Móvel |
| + Iro — Ave | + da — Lado | + Ima — Brandura |
| + pato — Calçado | + la — Gôma | + la — Baú |
| Conceito: — Móvel | Conceito: — Móvel | Conceito: — Móvel |

Solução das anteriores: I—Cabrito. II—Hiena. III—Papagaio. IV—Macaco. V—Cavalo. VI—Veado.

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um Menino nas palhinhas

RÉPLICA NATURAL



I — Há dias, um pequenino
à Mãisinha, disse assim:
— «Já pedi ao Deus-Menino
um tambôr e um cornetim.

II — Muito embora ainda não tenha
nem cornetim nem tambôr,
fazendo bulha tamanha,
já se crê deles senhor.



III — Evoca as marchas de guerra,
corre, dá ordens e, enfim,
finge tocar, grita, berra,
num formidável chinfrim.

IV — Desvanecido, idealisa
o toque de amanhecer!...
Do que êle, apenas, precisa
é da cornêta a valer.



V — Nisto, aflita, diz-lhe a Mãi:
— «Terás tambôr, cornetim...
Mas, meu filhinho, ouve bem,
não hás-de fazer chinfrim!»

VI — Tal ouvindo, o pequenino
volve à Mãi, em doce entono:
— «Então, peço ao Deus-Menino
que me dê antes um môno!»